

Da construção à inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra (1931)

Fundada em março de 1924, a delegação local da Liga dos Combatentes da Grande Guerra foi uma instituição que, apesar de se concentrar na componente social, rapidamente obteve um relevante prestígio político, principalmente depois do golpe militar de 28 de maio de 1926. Nos seus primeiros anos de existência procurou afirmar-se institucionalmente na comunidade através do aumento do número de sócios e das atividades assistenciais. Organizou festas para obter fundos que permitissem atribuir pensões mensais a inválidos de guerra, viúvas e órfãos da região e efetuou pedidos para a obtenção de emprego para os seus associados. Desta forma, superava as meras tradicionais romagens aos cemitérios por ocasião do 9 de abril e do 11 de novembro de cada ano.

A ascensão do capitão Luís Vila Verde a presidente da delegação representou um evidente passo em frente, nomeadamente, através da organização de festivais e touradas para angariação de fundos, da mudança de instalações para a Casa do Corpo Santo ou das consagrações militares na toponímia. Mais importante foi o simbolismo do lançamento, em 1927, de um poste no parque do Bonfim, onde iria ser construído o monumento que homenageava os militares que tinham perdido a vida no conflito, ação que fez parte da estratégia que esteve presente desde a génese do organismo: «O primeiro estádio (...) foi o sarau realizado no Salão Recreio do Povo (...) o segundo estádio (...) foi o concurso hípico realizado no campo do Vitória (...) a comissão organizadora das festas vai entrar ativamente no terceiro: a subscrição pública» (COSTA, 1924: 1).

Nos bastidores, o tenente Luís de Portugal Fonseca e Melo foi uma das personalidades que contribuíram para o progresso do organismo e auxiliou na coordenação da comissão pró-monumento. Lado a lado com Vila Verde, o reflexo deste protagonismo e intervenção comunitária valeu-lhes a nomeação como vereadores na comissão administrativa da Câmara Municipal de Setúbal,



Inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, Setúbal, 22/11/1931

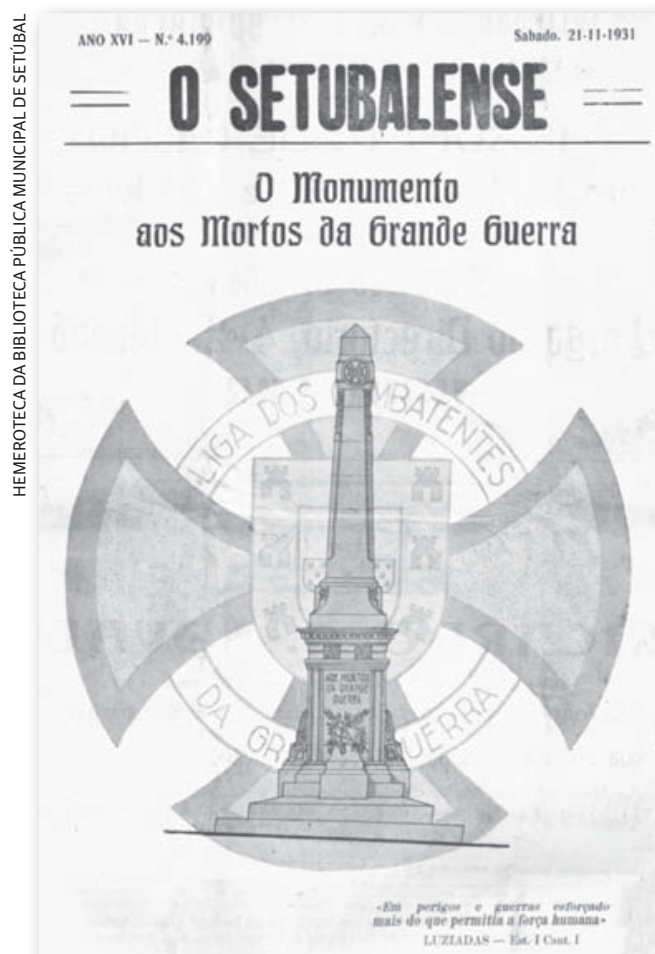
liderada pelo major António Joaquim de Melo, nos anos de 1931 e 1932.

Contando com a colaboração da Junta Patriótica do Norte e da Comissão dos Padrões da Grande Guerra, a possibilidade de dirigir os destinos municipais foram decisivos para que a construção do monumento se concretizasse. De facto, existiam algumas queixas em relação a um projeto que parecia estar guardado na gaveta desde 1927. Dominada a esfera pública por militares, inclusive o Governo Civil (fora dirigido pelo capitão Antonino Pereira entre 1929 e 1931 e, posteriormente, pelo coronel Alexandre Vanzeller até ao final de 1931), também a imprensa local teve um papel relevante para esta realização. O diário local *O Setubalense* deu, desde o início, um forte destaque à necessidade de concluir a homenagem de Setúbal aos mortos no conflito, promovendo a subscrição pública para a construção do monumento e dando muito espaço a crónicas sobre a execução do mesmo.

A angariação de donativos ganhou robustez a partir do início de dezembro de 1930, tendo para ela contribuído mais de cinco dezenas de organismos coletivos, entre sociedades culturais, grupos desportivos, associações de classe, estabelecimentos comerciais e industriais ou repartições públicas. Entre touradas na praça Carlos Relvas, espetáculos no teatro local e concertos no coreto, o esforço de todos possibilitou chegar aos 41 179\$45 orçamentados. O projeto e a construção do monumento são da autoria, respetivamente, de

Bonfilho Faria e da firma Abílio V. G. Salreu, artistas cujo reconhecimento lhes valeu novo convite, desta feita para a glorieta a Luísa Todi (1933). A sobriedade deste monumento representa a face económica de Setúbal na época, marcada pela decadência do setor conserveiro e pela crise internacional económica e financeira resultante do *crash* da Bolsa de Nova York, de 1929.

A cerimónia de inauguração, em 22 de novembro de 1931, decorreu em simultâneo com o II Congresso Nacional dos Bombeiros, que também teve lugar na cidade. Com a presença de centenas de alunos do ensino primário, alguns milhares de setubalenses, e diversas autoridades locais e centrais, a tarde foi marcada por discursos de propaganda política, paradas militares, um concerto da Sociedade Musical Capricho Setubalense e pelo sobrevoo do espaço por alguns aviões. À noite, no teatro Luísa Todi, Hernâni Cidade proferiu uma palestra e atuaram a banda do R. I. 11, um sexteto e uma companhia de teatro. **[DF]**



O Setubalense (edição especial), 21/11/1931



«Amanhã, a linda cidade do Sado terá pago o devido tributo aos seus soldados que nos campos de batalha da Flandres e das nossas colónias, baquearam no cumprimento do sagrados dever de honrarem a Pátria, erguendo à sua memória um monumento modesto sim, mas cuja nobre intenção é digna do maior respeito, e ficará perdurando pelos anos fora, tanto pela recordação íntima de saudade, pelos que ao solo de Portugal, não regressaram, como de protesto contra os horrores e carnificinas da Guerra. Honra-se e orgulha “O Setubalense” de ter sido com a sua persistência e propaganda intensa, o propulsor da iniciativa. Fazendo sucessivamente reconhecer a necessidade da nossa terra cumprir o seu dever; a ideia seguiu o seu curso, entrou no ânimo popular, que concorreu e contribuiu na medida das suas posses para que ela fosse um facto.» (*O SETUBALENSE*, 1931, 21 de novembro: 1).